A HORA PERIGOSA: FEMINILIDADE E FALSO SELF EM "AMOR", DE CLARICE LISPECTOR

SALVALAIO, Bruna Roman
Faculdade Santa Lúcia
brunasalvalaio@gmail.com

BIANCHI, Bruna
Faculdade Santa Lúcia
brunabianchi33@gmail.com

BARREIRO, Alex
Faculdade Santa Lúcia
barreiroalex86@gmail.com

RESUMO

Este trabalho explora o conto "Amor", de Clarice Lispector, como um ponto de encontro entre a literatura e a psicanálise, encarando a arte como uma janela aberta para o inconsciente (grifos nossos). A análise acompanha os dilemas de Ana, uma dona de casa cuja vida dedicada ao lar e à família esconde uma profunda sensação de vazio. A partir das ideias de Lacan e Winnicott, a jornada da protagonista revela como o papel de "mulher e mãe perfeita" funciona como uma armadura, uma estrutura defensiva erguida para aplacar o desamparo e sustentar uma ilusão de controle. Essa fragilidade se escancara no silêncio da tarde, a "hora perigosa", quando a rotina cessa e o tédio expõe as fissuras do cotidiano. Mas o que acontece quando o olhar de um estranho desmorona toda essa proteção? Este artigo convida o leitor a descobrir como Clarice Lispector usa a literatura para escancarar o que a psicanálise tenta nomear: o instante precário em que nos encaramos no espelho sem nenhuma certeza no coração.

PALAVRAS-CHAVE: *literatura e psicanálise; Clarice Lispector; feminino; falso self; sublimação.*

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

INTRODUÇÃO

"Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos."
– Clarice Lispector

O diálogo entre literatura e psicanálise conta com uma tradição consolidada, respaldada por diversos autores que se dedicaram a examinar as intersecções entre esses campos do conhecimento (Meneses, 2004). Ambas as áreas atuam como vias de leitura da experiência humana, cabendo à psicanálise o fornecimento de ferramentas analíticas para a interpretação e para o que Meneses (2004) conceitua como "desvendamento", processo no qual ambas as disciplinas se alinham no esforço de compreensão do real (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p. 2).

Nesse sentido, na teoria psicanalítica freudiana, o inconsciente não é acessível de forma direta à consciência, manifestando-se precipuamente por meio de vias indiretas conhecidas como suas "portas" (grifos nossos). Entre essas estruturas destacam-se os sonhos, considerados por Freud (1900) a "estrada real para o inconsciente", os atos falhos, os chistes, os lapsos de memória e os sintomas psíquicos e somáticos.

Contudo, enquanto essas cinco portas tradicionais dependem de falhas, tropeços ou compromissos sintomáticos do sujeito para fazer emergir o conteúdo recalcado, é possível defender a arte e a literatura como uma "sexta porta" do inconsciente. Isso ocorre porque o campo artístico-literário não se limita às fraturas do discurso: ele mobiliza a potência criativa e a eficácia da palavra para traduzir as dimensões mais profundas da subjetividade (grifos nossos). Ao compartilharem uma mesma vocação hermenêutica, psicanálise e literatura convergem na decodificação da condição humana, consolidando a criação estética como uma janela simbólica por onde o inconsciente ganha passagem e o real pode ser finalmente alcançado.

> A Literatura é a arte da palavra; e a Psicanálise trabalha basicamente com o discurso (discurso do analisando; discurso interpretativo do analista). A efetividade de um tratamento psicanalítico opera por meio da eficácia da palavra. Vinculando inteligência e sensibilidade, na encruzilhada do mental e do afetivo, a palavra atua. A palavra é mágica. Não é extraordinário que num tratamento psicanalítico não se toque no paciente, não haja nenhuma, absolutamente nenhuma intervenção a nível físico, e, no entanto, surjam mudanças estruturais profundas, uma reorganização por vezes radical

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

> interior, apresentando repercussões a nível orgânico, físico? (Meneses, 2004, p. 130).

A fim de materializar a articulação entre psicanálise e literatura, considerando as especificidades de cada campo, adotou-se como objeto inicial o conto "Amor" (grifos nossos). A narrativa serviu como disparador das discussões no encontro inaugural do grupo de estudos Literatura e Psicanálise, coordenado pelos professores Dr. Alex Barreiro e Dr. Fabiano Correa da Silva, em 28 de fevereiro de 2026.

Integrante da coletânea *Laços de Família* (1960), o conto tensiona a estrutura familiar tradicional e contesta visões normativas sobre casamento e maternidade. A obra articula marcadores de gênero, sexualidade, idade e saúde no contexto de uma cultura patriarcal. Notável por seu estilo introspectivo, marcado pelo monólogo interior, pelo estranhamento diante do cotidiano e pela busca existencial dos personagens, a literatura de Clarice Lispector explora em "Amor" as densas fronteiras do "ser mulher", exposta às tensões entre o papel social esperado e o risco do adoecimento psíquico (grifos nossos).

O adoecimento psíquico presente, sobretudo, nas personagens femininas, figura como tema central nas 13 narrativas de *Laços de Família*, repercutindo tanto na esfera individual dos personagens quanto na dinâmica familiar. A publicação da coletânea coincidiu com o retorno de Clarice ao Brasil após anos no exterior, período marcado por um divórcio recente e pelo diagnóstico de esquizofrenia de um de seus dois filhos (grifos nossos). Esse panorama biográfico sinaliza que a própria escritora experimentava, em sua vida pessoal, uma profunda redefinição do conceito de família (Gotlib, 2011 *apud* Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p. 4).

É nesse território de inquietações que a escrita provocativa de Clarice Lispector ressoa, uma literatura que atravessa e desestabiliza qualquer um que a leia, tornando-se objeto de estudo e enigma constante para os estudiosos da psicologia e da literatura.

Sob essa perspectiva, o presente trabalho analisa o conto "Amor" à luz da psicanálise, apoiando-se em duas chaves interpretativas fundamentais: primeiro, o exame da narrativa a partir das contribuições de Jacques Lacan sobre o feminino; em seguida, a articulação entre a trajetória da personagem principal e o conceito de "falso *self*", formulado por Winnicott (1983, grifos nossos).

Para tanto, apresenta-se inicialmente um resumo do conto, a fim de ilustrar e fundamentar concretamente as análises psicanalíticas que seguem.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

2. RESUMO DO CONTO "AMOR"

O conto traz a história de Ana, uma dona de casa cuja vida é pautada pelo cuidado com os filhos, o marido e os afazeres domésticos. Morando em um bom apartamento, fruto das "sementes que tinha na mão" (Lispector, 2016, p. 145), o lar representa para ela a firmeza e a estabilidade de que precisa, tornando a visão de seu matrimônio e da rotina familiar uma constante fonte de satisfação. No entanto, o período da tarde revela-se perigoso: quando a casa fica vazia e Ana se percebe desprovida de utilidade imediata, uma inquietação a toma. Para esquivar-se desse momento de desamparo, ela busca continuamente manter-se ocupada com afazeres externos, como fazer compras ou levar objetos para o conserto.

A narrativa ganha um ponto de virada quando Ana, exausta após as compras, entra em um bonde. Durante o trajeto, em um instante de distração, ela avista, na parada, um homem cego mascando chiclete. A imagem do cego a captura e a perturba profundamente. Absorta por essa visão, Ana é surpreendida por uma arrancada do bonde, o que faz com que a sua sacola caia e os ovos que carregava se quebrem no chão, momento em que, segundo a narradora, "o mal estava feito" (Lispector, 2016, p. 148).

A partir desse episódio epifânico, Ana é tomada por uma torrente de pensamentos e estímulos sensoriais. O mundo ao seu redor passa a ser percebido sob uma lente hostil e dolorosa, despertando nela um sentimento de sofrimento generalizado e, simultaneamente, uma bondade extrema. Desorientada por esse abalo psíquico, ela perde o ponto de desembarque e acaba adentrando o Jardim Botânico.

No parque, enquanto busca um lugar para se recostar, Ana começa gradativamente a se acalmar, como se adormecesse dentro de si. A natureza ao redor é percebida em sua dimensão crua, vital e simultaneamente cruel, em que a riqueza do mundo beira a decomposição, despertando na personagem uma mistura de fascínio e repulsa. Ao cair da noite e dar-se conta de que o Jardim já se encontrava fechado, lembra-se das crianças e corre para casa.

De volta ao apartamento, o ambiente doméstico surge aos seus olhos como algo estranho, excessivamente limpo e brilhante, contrastando com a experiência crua que acabara de vivenciar. Ao ser abraçada pelo filho, segura-o compulsivamente na tentativa de protegê-lo do "mal da existência", afirmando para si mesma que a vida era horrível e pedindo que o menino não a deixasse. Diante do desespero da mãe, a criança se afasta e a encara com "o pior olhar que jamais recebera" (Lispector, 2016, p. 153). As vertigens daquele passeio de bonde custaram a passar, Ana demorou-se no espelho

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

penteando-se, antes de dormir: a epifania causada pelo cego fez com que ela atravessasse do amor ao inferno, ela ficou diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. "Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia (Lispector, 2016, p. 155).

3. EM BUSCA DE UM SIGNIFICANTE QUE DEFINA "A MULHER"

A sexualidade feminina permanece envolta em mistério, instigando contínuas investigações sobre o que constitui o ser mulher. O entendimento de que o sexo não se reduz a um dado biológico ou anátomo-fisiológico, mas se constrói a partir da inscrição do sujeito na lógica e na subjetivação fálica, representa um marco crucial para a psicanálise ao conceituar a feminilidade (Eulálio, 2020).

Para compreender esse processo sob a ótica de Freud (1925), é preciso avançar sobre a forma como o desenvolvimento psíquico se articula em torno do complexo de castração, da experiência da falta e do destino reservado ao falo no psiquismo humano.

Segundo Freud (1925), diferente do menino, que teme perder o órgão sexual sob a ameaça da castração, a menina vivencia a diferença anatômica entre os sexos como uma privação já consumada. "Uma vez localizada a castração, a menina orienta sua busca para o falo, coloca em seu lugar o desejo de um filho e toma o pai como objeto de amor" (Eulálio, 2020, p. 64). É precisamente através da experiência da castração que a menina entra no Complexo de Édipo, diferentemente do menino, que dele sai. A criança culpa a figura materna por tê-la enviado ao mundo castrada e desprovida do órgão. Ao romper com a mãe, a menina volta seu interesse afetivo e libidinal para o pai, na esperança de obter dele aquilo que a mãe lhe negou. Como a posse concreta do órgão do pai é impossível e interditada pela lei do incesto, o psiquismo feminino realiza uma operação de substituição e deslocamento. Freud aponta que o desejo primário de possuir um pênis se transforma na equação simbólica em que o pênis equivale a um filho. O desejo de receber um filho do pai torna-se, assim, a forma propriamente feminina de contornar a castração.

A partir dessa premissa, a busca da maternidade surge como uma tentativa de resgatar o falo e preencher o vazio estrutural deixado pela não existência do órgão. Ao gerar e ter um filho, a mulher busca tamponar a falta inscrita em sua constituição subjetiva, utilizando o bebê como um substituto fálico que vem apaziguar a ferida narcísica da castração. Nessa perspectiva, Eulálio (2020) percorre os fundamentos da teoria freudiana para demonstrar

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

como o destino da mulher, quando reduzido estritamente à lógica fálica e à compensação da falta, pode aprisioná-la em arranjos psíquicos dolorosos.

Ao articular o pensamento de Freud (1925) com desenvolvimentos psicanalíticos posteriores, a autora demonstra que, embora a maternidade seja uma via clássica de elaboração da castração, a feminilidade e o ser mulher ultrapassam a mera busca por compensação fálica, revelando dimensões do desejo que a matemática do filho nem sempre consegue esgotar (Eulálio, 2020, p. 64). Dessa forma, Freud acaba confundindo "ser mulher" com "ser mãe" (grifos nossos). Lacan, por outro lado, estabelece uma diferença radical entre mãe e mulher: enquanto a mulher é um sujeito, a mãe é uma função (Lacan, 1958/1998, p. 739 *apud* Eulálio, 2020, p. 64).

Nos contos de Clarice Lispector, fica evidente como a redução da feminilidade à lógica fálica e à busca por compensação da falta converte o cotidiano da mulher em uma prisão subjetiva. É o caso da personagem Ana, do conto "Amor", objeto de estudo deste trabalho (grifos nossos). Por mais que Ana se mostrasse teoricamente realizada por ter alcançado os pré-requisitos que a sociedade associa à completude feminina afinal, "o homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros" e a vida parecia "uma coisa verdadeira e sumarenta" (Lispector, 2016, p. 145), havia uma fresta em sua rotina. Todos os dias, no final da tarde, a personagem enfrentava o que denominava a "hora perigosa": "Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se" (Lispector, 2016, p. 145). Quando a casa se esvaziava e a utilidade imediata cessava, Ana confrontava a constatação de que o marido e os filhos funcionam como equivalentes simbólicos do falo apenas enquanto metáforas possíveis, sem, contudo, esgotar ou preencher a estrutura da falta.

Não seria surpreendente que Clarice Lispector, entre as inúmeras reflexões tecidas no conto "Amor", estivesse questionando se a dimensão fálica é capaz de esgotar toda a pulsão feminina (grifos nossos). Em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina", Lacan (1958/1998) discorre sobre essa questão, ao defender a existência de um campo de satisfação na mulher que escapa à mediação fálica e tampouco se resolve na maternidade. Afinal, no desejo da mãe persiste a vertente mulher, que aponta para um núcleo irredutível do feminino (Lacan, 1958/1998, p. 739 *apud* Eulálio, 2020, p. 69).

Segundo o ensino lacaniano, a verdadeira saída do complexo de castração feminino não consiste em encontrar um substituto definitivo para o falo, mas em reconhecer que não existe objeto capaz de promover a completude. No conto "Amor", esse impasse ganha corpo quando a

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

protagonista, Ana, exausta de sua rotina mecânica, vê pela janela do bonde um homem cego mascando chiclete (grifos nossos). A imagem captura e a perturba profundamente: a ação repetitiva de mastigar remete à sua própria existência, revelando que ela própria vivia de forma cega e automatizada.

É nesse instante que, nas palavras da narradora, "o mal estava feito" (Lispector, 2016, p. 148). Trata-se de um caminho sem volta, pois, ao constatar a impossibilidade de usar o marido, os filhos e as tarefas domésticas para mascarar o vazio estrutural, a mulher é convocada a se bancar como sujeito do próprio desejo, desfazendo a ilusão de plenitude.

Diante do fracasso da via fálico-simbólica, a psicanálise lacaniana aponta para as saídas da sublimação e da criação pela arte e pela linguagem. Em vez de tentar estancar a falta por meio de papéis rígidos, como o de dona de casa, o sujeito passa a utilizar a própria falta como mola propulsora para produzir algo novo na cultura. A energia libidinal e a inquietação diante do vazio são, assim, canalizadas para a escrita e a invenção poética.

Clarice Lispector compreendeu visceralmente o alcance da sublimação através da arte. A própria escritora declarou: "Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos" (Lispector, 1999, p. 115) ; em entrevista concedida a Júlio Lerner em 1977, ao ser perguntada se morreria caso não pudesse escrever, Clarice responde: "Não há vida sem literatura. Eu acho que quando não escrevo eu tô morta" (TV Cultura, 1977). Clarice amava ser mãe, entretanto, esse amor não a impediu de afirmar que só se sentia plenamente viva enquanto escrevia. De forma análoga, Ana, protagonista do conto "Amor", é mãe e declara-se satisfeita com a vida doméstica que escolheu; contudo, no momento epifânico da narrativa, toda a sua vivência é questionada como uma "não vida" (grifos nossos).

Tanto Clarice quanto Ana deparam-se com a inexistência de "A Mulher", o reconhecimento de que não existe um significante único capaz de definir universalmente o ser feminino, o que desobriga o sujeito de cumprir um script edípico rígido (grifos nossos). A saída viável consiste na construção de uma suplência ou sintoma Singular: dado que a norma simbólica não oferece garantias nem respostas prontas, cada mulher precisa inventar uma via própria de existência e desejo.

4. A FISSURA DO COTIDIANO: UMA LEITURA WINNICOTTIANA DE ANA

O falso *self*, segundo Winnicott (1983), corresponde a uma forma de organização psíquica em que o indivíduo passa a estruturar seu modo

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

de ser a partir de expectativas, necessidades e desejos do ambiente, em detrimento da expressão espontânea de sua subjetividade. Embora possa apresentar-se como uma pessoa adaptada, competente e socialmente bem-sucedida, frequentemente vivencia sentimentos de vazio, artificialidade e desconexão de si mesma. Essa configuração tem origem nas primeiras relações de cuidado, quando a criança, diante de um ambiente que não acolhe adequadamente suas necessidades emocionais, aprende a ocultar ou reprimir seus sentimentos, desejos e impulsos espontâneos para garantir aceitação, proteção e continuidade dos vínculos afetivos. Como resultado, desenvolve uma postura adaptativa que pode afastá-la progressivamente de seu verdadeiro self, comprometendo a experiência de autenticidade e vitalidade emocional (Winnicott, 1983).

À luz desse referencial teórico, é possível compreender a experiência de Ana como marcada pela busca de estabilidade por meio de papéis e funções que organizavam sua existência cotidiana. A rotina doméstica, a presença da família, os cuidados com os filhos e a vida conjugal constituíam importantes fontes de segurança, propósito e reconhecimento. Contudo, justamente nos momentos em que essas demandas externas cessavam, surgia um desconforto significativo. As horas da tarde, quando a casa permanecia silenciosa e sem solicitações imediatas, pareciam colocá-la diante de si mesma, revelando uma experiência subjetiva difícil de sustentar, como evidencia a passagem a seguir:

> Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles (Lispector, 2019, p. 146).

A ausência de tarefas parecia confrontá-la com um vazio difícil de suportar, produzindo um mal-estar que a levava a buscar incessantemente novas ocupações – é a própria Ana quem nomeia esse desconforto como "certa hora da tarde", mais perigosa que as demais (Lispector, 2019, grifos nossos). Junqueira e Scorsolini-Comin (2021), em estudo dedicado especificamente a "Amor", recorrem ao conceito winnicottiano de falso self para nomear esse funcionamento psíquico, descrito pelos autores como um "funcionamento psíquico habilidoso para defendê-la da exposição ao verdadeiro self" (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p. 1), um arranjo psíquico que custa à personagem a naturalidade de seus próprios impulsos e

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

a proximidade com aquilo que ela realmente quer. No desenvolvimento do artigo, os autores associam esse funcionamento ao momento em que Ana, segundo a própria expressão de Clarice Lispector, "passara do seu ponto de descida" (Lispector, 2009, p. 23 *apud* Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021): é nesse extravasamento dos limites que a personagem havia se imposto que os autores localizam a abertura para algo menos defendido e mais próximo de quem ela é.

É esse equilíbrio precário que desmorona diante do cego mascando chiclete no ponto de bonde. Em artigo dedicado à presença do estranho freudiano em «Amor», Silva (2023) sustenta que a figura do cego funciona como gatilho de uma epifania ligada ao «sentido freudiano do estranho despertado pela assustadora possibilidade do retorno ao útero materno» (Silva, 2023, p. 223). Para a autora, o cego é o «sujeito pré-edipiano que reintroduzirá Ana ao reino que antecede à Cultura e seus tabus" (Silva, 2023, p. 223), e é esse retorno simbólico às origens, não uma ameaça externa qualquer, que desencadeia o choque. Aproximando essa leitura da chave winnicottiana, já apresentada, pode-se dizer que o cego atravessa justamente as defesas que sustentavam o falso *self* de Ana.

Essa fragilidade psíquica encontra eco na leitura lacaniana proposta por Santos, Moreira e Rocha (2026). Para as autoras, Ana não chega a migrar da fase do imaginário para a ordem simbólica, esta última descrita como a "estrutura pré-existente dos papéis sexual e social e das relações que constituem a família" (Santos; Moreira; Rochca, 2026, s. p.), e é por permanecer presa a esse registro especular que a personagem chega a se identificar com o próprio cego, reconhecendo nele um reflexo de si mesma, igualmente limitado. É possível estender essa leitura e pensar o cego também como uma intrusão do Real na experiência de Ana: algo que escapa às categorias simbólicas que ela usa, precariamente, para organizar o mundo.

A travessia pelo Jardim Botânico, que se segue ao encontro, é interpretada por Montenegro *et al*. (2017) como o momento de maior densidade simbólica do conto; os autores dedicam boa parte do artigo à leitura de elementos como as frutas, os caroços e as cores do jardim como figurações da tensão entre vida e morte que atravessa Ana. Destacam também "as sensações paradoxais de nojo e prazer que levavam a personagem a gozo" (Montenegro *et al*., 2017, s. p.). Nesse momento, a natureza deixa de ser cenário neutro e passa a espelhar o que há de mais desorganizado no funcionamento psíquico de Ana, um gozo que não é prazer, mas excesso.

Ao final do conto, Ana retorna ao lar, aos filhos e ao marido. Tanto Silva (2023) quanto Junqueira e Scorsolini-Comin (2021) leem esse desfecho

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

como uma suspensão, não como solução. Para Silva, o desconforto de Ana não desaparece nem se transforma, apenas deixa de ser sentido, acomodando-se de novo no silêncio de onde havia surgido (Silva, 2023, p. 239). Já Junqueira e Scorsolini-Comin destacam a "impossibilidade de fugir à revelação" daquela tarde (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021, p. 15), mas deixam em aberto se algo daquilo se manteve na vida de Ana depois, e é justamente nessa zona de incerteza, segundo os autores, que literatura e psicanálise se tocam.

Em conclusão, os diferentes referenciais teóricos mobilizados pela fortuna crítica de "Amor", o falso *self* winnicottiano discutido por Junqueira e Scorsolini-Comin (2021, grifos nossos), o estranho freudiano analisado por Silva (2023), a leitura lacaniana de Santos, Moreira e Rocha (2026), e a leitura simbólica de Montenegro *et al*. (2017) convergem, cada um a seu modo, para uma mesma constatação: a de que a estabilidade psíquica de Ana depende de uma organização defensiva sustentada pela rotina doméstica, e que o encontro com o cego expõe, ainda que por breve instante, o quanto essa estabilidade é construída sobre o afastamento de algo que a personagem não consegue nomear. Como visto, nenhuma dessas leituras encontra, no desfecho do conto, uma resolução para essa tensão. Clarice Lispector não narra, portanto, nem uma libertação nem uma queda, mas o instante precário em que Ana toca a própria fissura e, depois, é conduzida, mais uma vez, a recobri-la.

REFERÊNCIAS

EULÁLIO, A. **Amores loucos:** a devastação materna e nas parcerias amorosas. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2020.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4 e 5). Original publicado em 1900.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. ***In:*** FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19. Original publicado em 1925.

JUNQUEIRA, L. F. de S.; SCORSOLINI-COMIN, F. O ponto de descida: o falso self em Amor, de Clarice Lispector. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, e17405, p. 1-13, 2021.

LISPECTOR, C. Amor. ***In*:** LISPECTOR, C.. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 145-155.

LISPECTOR, C. Amor. ***In*:** LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**: pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **Clarice Lispector - Panorama:** entrevista concedida a Júlio Lerner. [*S. l.*]: TV Cultura, 1977. 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nhnhthPmL7s. Acesso em julho de 2026.

MENESES, A. A. de. **Psicanálise e Literatura:** pontos de encontro. São Paulo: Escuta, 2004.

MONTENEGRO, L. B.; GOMES, F. G. L. B.; GOMES, F. P. de M.; SARMENTO, M. de F. A.; SILVEIRA, V. S. da. Múltiplos significados para que significante? Qual o lugar de Ana, no conto «Amor», de Clarice Lispector? ***In*:** Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 4., 2017, Campina Grande. **Anais** […]. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/37495. Acesso em julho de 2026.

SANTOS, M. R.; MOREIRA, R. de C. de S.; ROCHA, A. N. **Uma leitura psicanalítica da personagem Ana em Amor de Clarice Lispector.** Universidade do Estado da Bahia, Campus XXI. Disponível em: https://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10136/artigo_sobre_uma-leitura-psicanalitica-da-personagem-ana-em-amor-de-clarice-lispector. Acesso em julho de 2026.

SILVA, A. P. M.da. "Lar no estranho" ou "estranho lar": uma leitura de Os laços de família e Amor de Clarice Lispector. REVELL - **Revista de Estudos Literários da UEMS**, Campo Grande, v. 1, nº 34, p. 223-242, 2023.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. ***In:*** WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 14-10-2026